

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DE ARTES EM UM CURSO DE PEDAGOGIA**

Dorotea Machado Kerr

Eixo 8 - Educação a distância na formação de professores  
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Relato sobre as diretrizes escolhidas na elaboração do Caderno de Formação Conteúdos e Didática de Artes do curso de Pedagogia semi-presencial a UNESP/UNIVESP, no período de 2011-2012.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DE ARTES EM UM CURSO DE PEDAGOGIA.**

Dorotéa Kerr, Instituto de Artes da UNESP; Eixo 8 - Educação a distância na formação de professores.

Nesta comunicação apresento as idéias que fundamentaram a elaboração do *Caderno de Formação, vol. 5, Conteúdos e Didática de Artes*<sup>1</sup>, que organizei, no segundo semestre de 2011, para o curso de graduação em Pedagogia semipresencial da UNESP/UNIVESP. O conteúdo proposto foi organizado em torno dos eixos temáticos Artes Plásticas, Dança, Música, Teatro e foi desenvolvido em dez aulas presenciais, no período de 06 de fevereiro a 08 de março de 2012.

Pouco conhecida ainda, a UNIVESP- quarta universidade pública paulista - foi criada em 2008 como um instrumento para expansão do ensino público superior no estado de São Paulo, por meio de cursos a distância e cursos semipresenciais a serem conduzidos pela USP, UNICAMP e UNESP. O curso de Pedagogia ficou sob responsabilidade da UNESP e passou a existir a partir de 2011 em 21 polos sediados em diversos *campi* dessa universidade<sup>2</sup>. O público alvo desse curso são os docentes da rede pública municipal e estadual na Educação Básica. Neste texto, serão indicados como alunos/docentes.

Como meio de transmissão do conteúdo foram organizados os *Cadernos de Formação*, geralmente sob direção de um docente da UNESP, em forma impressa e referentes às disciplinas que compõem o currículo em Pedagogia; foram elaborados programas televisionados, produzidos e veiculados pela Univesp TV, e instalada uma plataforma web, o Portal Edutec, para comunicação, postagem de trabalhos e avaliação. Dos programas televisivos constam os vídeos especialmente produzidos pela Univesp TV e programas interativos – aula ou conferência. Além de organizadora do Caderno de Formação eu fui, também, Orientadora de Turma 1 do Polo da Barra Funda, isto é, uma das docentes responsáveis pela coordenação, acompanhamento e orientação dessa turma.

Neste texto, apresento as idéias e princípios que nortearam meu percurso na elaboração desse Caderno e na orientação aos programas da TV Univesp. Não tratarei, neste texto, da realização prática do curso, as ações e reações, bem como da avaliação de seus resultados. Essa parte ficará para um próximo texto.

Ao pensar sobre as diretrizes para esse Caderno, uma certeza eu tinha. Era necessário proporcionar ao aluno/docente uma imersão no universo das Artes. Vivemos,

principalmente, em centros urbanos e estamos cercados por manifestações artísticas por todos os lados. Entretanto, nem sempre pensamos sobre o fazer artístico e é quase certo que pouco usufruímos das possibilidades de enriquecimento humano que as experiências artísticas nos oferecem. Desde o advento da chamada sociedade de massa, com seus meios de comunicação de alto alcance e em expansão contínua, somos abarrotados com manifestações artísticas, ou ditas artísticas, sobre as quais não pensamos de forma crítica. Gostamos ou não gostamos, decidimos consumir ou não, recomendamos ou não recomendamos a outros.

Entretanto, parece-me que, para os docentes que esse curso de Pedagogia pretende formar, essas opções não são suficientes. É preciso ir além: descrever, usufruir, entender, buscar compreender as Artes e o fazer artístico no contexto de criação e nas sociedades que proporcionaram condições para existirem. A missão para quem irá lidar na ponta com esse conteúdo é ainda mais complexa do que aquela que diz respeito a um consumidor comum que, geralmente, costuma se envolver com um nicho específico de alguma manifestação artística e nele permanecer. Os nichos referem-se a um estilo, um modo de produzir e de consumir e as adesões a eles podem excluir uma participação ampla e diversificada. Assim, quem fica circunscrito à música sertaneja pode não se interessar pelo rock; aquele que gosta de *funk* fica no seu pedaço; empiricamente, pode-se dizer que essa compartimentação cria barreiras, dificulta o usufruir generalizado e inibe, de um modo geral, a aproximação às manifestações de outras tradições como a folclórica, a erudita. Para o docente vem a ser um fechamento que não combina com as responsabilidades de sua atividade.

O processo de imersão nas Artes pode levar a muitos lugares e seguir muitos percursos. Um deles é a possibilidade de encaminhar a reflexão sobre o que tem sido considerado Arte. Não me parece que temos, nos nossos tempos, definições claras e acabadas, mas pensar sobre origens, funções, significados adquiridos ao longo do tempo certamente é uma forma adequada de se pensar historicamente.

A História pode mostrar o dinamismo dos conceitos de arte, e entender essas mudanças permite-nos compreender como alguns movimentos artísticos do século XX abalaram as definições tradicionais que ligavam arte com beleza, com balanço, com pureza, exemplaridade e unicidade. Para ficar apenas na arte da música, que é minha área de atuação, no início do século XX, o atonalismo rompeu as barreiras da tonalidade e da direção no encadeamento musical liberando as dissonâncias; o dodecafonismo deu o mesmo valor a todos os sons da escala, rompendo a hierarquia do sistema tonal; o serialismo colocou todos os elementos da música sob uma ordem férrea, eliminando (no dizer dos seus antagônicos) com a possibilidade de expressão pessoal do artista; e,

dentre outras idéias surgiu, nos meados daquele século, o aleatorismo mostrando que os eventos musicais, ou como os elementos musicais são dispostos para se criar música, podem ocorrer ao acaso e que a música vem a ser a própria vida. Foram mudanças profundas à época, mas que hoje estão ao alcance de nossos ouvidos e dos modos de fazer e apreciar música.

Há muito tempo que se pode ser partidário de Duchamps e dizer “será arte é o que eu disser que é arte” deixando de lado qualquer ligação entre arte e beleza<sup>3</sup>; ou aceitar qualquer manifestação como artística, como o que vemos cotidianamente na TV, por exemplo; ou mesmo dar um significado de espetáculo artístico a eventos sobre os quais essa qualificação dificilmente caberia<sup>4</sup>.

Entretanto, se pensar as Artes era o primeiro ponto, nunca foi pretensão, nesse curso, dar-lhes uma definição. Na apresentação do Caderno, escrevi: “[as artes] podem ser vistas como perfeitas elaborações da criatividade do ser humano ou resultados de momentos de inspiração que parecem ser transcendentais; podem ser vistas como formas de desvendamento da realidade no processo de recriação de outra realidade ou instrumentos de transfiguração do existente; podem ser agentes de transformação tão poderosos que aqueles a elas submetidos nunca mais verão mundo do mesmo modo; podem ser canais para ver, sentir e ouvir outras dimensões que ultrapassam a realidade; ainda, podem ser vistas como atividades ordenadas e regradas que só têm equivalentes na Ciência e na Filosofia”<sup>5</sup> (2011, p. 10).

Assim, imaginei que, pela imersão nesse mundo, por pequena que fosse e no espaço de tempo destinado ao desenvolvimento desse conteúdo, a curiosidade e o gosto pela busca pudesse disparar nos alunos/docentes e o curso seria mais investigativo do que prescritivo.

Outro ponto importante foi a utilização dos meios tecnológicos, hoje facilmente à disposição, que podem nos transportar, em segundos, para salas de museus e ver de perto um grande quadro, para um teatro especial, e assistir à execução de uma obra musical, em detalhe, por uma orquestra sinfônica, ou a acompanhar uma apresentação de dança desde a preparação à apresentação, a observar como um artista visual elabora suas obras, e assim por diante - uma infinidade de fenômenos e objetos artísticos que estão de prontidão para nossa apreciação e entendimento. Para o aluno/docente, o uso desses meios permite transitar para outras realidades, desvendar objetos, observar atitudes, estudar modos de fazer, testemunhar criações e resultados distantes do nosso dia-a-dia.

Ainda sobre a imersão, eu imaginei que o aluno/docente seria levado a pensar que Arte não se faz sem ideias, e que essas merecem e devem, também, serem objetos de

nossas leituras. Os movimentos artísticos surgiram de ideias que alavancaram novas criações, trouxeram novas práticas e alteraram concepções estéticas, um conjunto sempre ligado ao pensar, ao refletir, ao estudar e não apenas a alguma miraculosa inspiração que pode se manifestar para alguns seres afortunados.

Assim, os textos escritos por articuladores e movimentadores artísticas, os textos de críticos, os textos históricos podem ser uma fonte inesgotável de idéias que levariam a outras idéias, numa corrente quase sem fim. O papel do aluno/docente, enriquecido por essa investigação e apropriação, pode evitar que o conteúdo Artes seja trabalhado como uma espécie de receita do que fazer na sala de aula recebida dos especialistas. Aliás, prescrever formas de agir é um dos pontos que evitei na elaboração do material para os alunos/docentes. Sugerir reflexão, ultrapassar os limites do conhecimento atual, servir como modelos e incentivos para novas ideias, mas sem receituário.

O primeiro problema prático era como levar o aluno/docente a esse processo imersão.

Como curso semipresencial, há duas aulas semanais coletivas, das 19 às 23 horas. Nessas aulas lê-se o texto indicado do Caderno, assiste-se ao vídeo, pode-se realizar algumas atividades, tudo sempre coletivamente.

Para muitos alunos/docentes essas aulas presenciais eram desnecessárias e um transtorno para quem trabalha nas escolas o dia todo. Essa crítica foi manifestada em muitos momentos de modo até agressivo. Para mim, a fixação em um modo de encaminhar a aula – sempre por discussões em grupo – não atendia ao que eu queria atingir com o curso. Sempre o imaginei como algo que enfatiza o privado, o particular, o ficar só consigo mesmo disposto à aprendizagem.

Assim, estabeleci que as aulas presenciais (obrigatórias pelo estatuto do curso) deveriam se voltar para a introspecção, como incentivo à reflexão. Deixar de lado as discussões em grupo, que costumam ser um desfile de opiniões pouco fundamentadas, e focalizar no trabalho individual em textos, livros, e nos diversos materiais disponíveis pela internet (no caso do IA, acessível a todos) para traçar, no seu próprio ritmo e caminho. E mostrar que o silêncio é bom.

A tarefa do docente, no que diz respeito ao trabalho com as Artes, pode ser rica, desde que bem fundamentada, e pode ser um instrumento eficiente para fazer face à pressa da vida contemporânea, á insuflação ao consumo apressado, á busca por entretenimento rápido a que todos estão sujeitos.

Assim, além de criar condições para a imersão, meu objetivo era mostrar que o fazer artístico pode ser um exemplo para complementar o que é missão da escola – aprender a aprender. Arte se faz com disciplina, organização e muito trabalho particular, o que deixa de lado a noção romântica de inspiração que desce ao artista e que não resiste diante

das afirmações de muitos deles quanto à dureza e ao rigor que devem ser empregados na consecução artística.

E essa noção, aliada ao trabalho individual de busca e reflexão, parecem-me ser aspectos que faltam na formação dos alunos/docentes e, principalmente, lá na ponta, na sala de aula de ensino básico. Meu objetivo era, em suma, recuperar as boas e velhas horas de estudo, momentos de estar sozinho com seus pensamentos para (re)descobrir a alegria de aprender. Momentos que parecem distantes e esquecidos no nosso ambiente escolar.

Em uma conferência que assisti em 23/01/2014, realizada pelo presidente da CAPES, Prof. Jorge Guimarães, em um simpósio na FAPESP, ele dizia que muitos alunos bolsistas do programa “Ciência Sem Fronteiras” apontavam o prazer que sentiram ao se dedicarem ao estudo sozinho nas universidades para as quais foram levados no exterior.

Uma experiência que quis ver incorporada a esse curso, pela via do estudo sobre as Artes.

Por último, detenho-me brevemente nos meios e recursos empregados para o desenvolvimento do conteúdo: 1. O *Caderno de Formação*, composto de sete artigos dentro dos Eixos Temáticos Artes Plásticas, Dança, Música, Teatro e elenco de atividades a serem realizadas durante a apresentação do conteúdo<sup>6</sup>; 2. As aulas presenciais, que contaram com duas entrevistas interativas com a organizadora do projeto, e seis vídeos que tratam de alguns temas sobre as Artes no século XX. O conteúdo desses vídeos não seguiu ordem cronológica de eventos e nem o expressava de modo linear. Os temas dos vídeos foram: 1. “Século XX: arte e modernidade”; 2. “Unicidade X Reprodução, a chegada da técnica”; 3. “Cinema: a arte nova do século XX”; 4. “Afinal, o que é arte?”; 5. “A música no século XX”; 6. “Música e indústria cultural”, elaborados pela Univesp TV da Fundação Padre Anchieta.

Para oferecer oportunidade de escolha das atividades a serem desenvolvidas no período de desenvolvimento do Caderno, foi criado um “Banco de Atividades” relacionado ao tema de cada semana e auxiliar dos alunos/docentes na elaboração do Projeto Artístico-cultural a ser entregue ao final do curso. Esse projeto deveria ser imaginado para atender a alguma instituição educacional, ou social ou religiosa, de preferência com vistas à aplicação prática.

Para a criação dos textos do Caderno e das nas propostas de atividades de cunho formativo estabeleci alguns objetivos criar unidade: 1. Buscar apresentação não linear dos conteúdos; 2. Elaborar um número razoável de atividades para o Banco visando favorecer a possibilidade de escolha dentre elas; 3. Incentivar a elaboração do trabalho final voltado à aplicação nas realidades locais do aluno/docente; 4. Estabelecer vínculos

entre a elaboração do projeto cultural e o modelo fornecido para o projeto de pesquisa (necessário para o TCC); 5. Incentivar o trabalho individual em substituição ao trabalho em grupo, no tempo de duração do conteúdo de Artes; 6. Incentivar as manifestações escritas (texto, desenho), como um treino necessário para exposição de idéias, nas discussões na plataforma da Web (“Reflexões sobre os temas da D18”), e na elaboração das atividades a serem postadas para avaliação; 7. Estimular discussões, na plataforma da Web, fundamentadas em outros textos; 8. Buscar sempre a investigação particular, virtual e local, e o uso do material do curso como um meio para outras descobertas. 9. Incentivar o hábito de descrever, de informar, de observar por meio de anotações de natureza escrita – texto, desenho, esboços e outros; 10. Criar atividades a serem realizadas presencialmente nos grupos onde o aluno/docente circula.

Apresento, como amostra, duas agendas da semana temática Música que ocorreu na 3ª. Semana de atividades, ao final de fevereiro de 2012:

“Banco de Atividades sobre Música:

Atividade 43 – avaliação temática de Música [a partir da leitura do texto “A música no século XX” e dos vídeos apresentados];

Atividade 44 – elaborar um roteiro histórico-auditivo sobre a música brasileira;

Atividade 45 - elaborar um roteiro musical sobre Villa-Lobos;

Atividade 46 - elaborar um roteiro musical e visual sobre artistas músicos europeus;

Atividade 47 - leitura e trabalho [no fórum] com os dos livros *O som e o sentido*, [de J. M. Wisnik, 1999], e *A música moderna*, [de Paul Griffiths, 1987]” (Caderno de Formação, 2011, p. 128).

“Banco de Atividades sobre Teatro:

Atividade 52 – Avaliação temática de Teatro.

Atividade 53 – Criação de sua árvore genealógica.

Atividade 54 – Ler o livro “*De pergunta em pergunta*”, de Ana Maria Machado (1984).

Atividade 55 – Leitura e resenha do livro “*A curiosidade premiada*”.

Atividade 56 – Técnicas para a realização de entrevistas.

Atividade 57 – Catarse de Integração.

Atividade 58 – Elaborar uma Mimese corpórea (Caderno de Formação, 2011, p. 135).

Embora eu tenha enfatizado, neste Caderno, a necessidade e a importância de que cada aluno/docente trabalhasse sozinho na criação do seu conhecimento, não posso deixar de ressaltar o papel que a prática das Artes pode trazer às atividades coletivas e à convivência social. Essas não devem ser deixadas de lado. As manifestações artísticas são complexas, e o trabalho coletivo traz possibilidades de práticas que não teríamos sozinhos. Depois de uma apresentação particularmente bonita de um coral feminino que

dirigi durante alguns anos, uma das coralistas disse: “Sozinha eu não cantaria nada tão bonito...”

Por último, mas não menos importante, sempre esteve presente entre meus pontos capitais a questão da sensibilização. Ela está subjacente aos propósitos de todas as atividades sugeridas e da imersão nas Artes. Encerro citando Alexandre Mate, autor dos textos de Teatro: “A tarefa do educador não é fácil. Educar vislumbrando um trabalho mais perene, fundamentado no sensível, é talvez mais complicado ainda. Então, de fato, não é possível ou é muito mais difícil pensar na relação de incompletude representando pelo ato de educar se nós não estivermos conscientes das dificuldades a serem enfrentadas. Além da consciência, a permanente ativação do sensível, com obras imantadas pela beleza, pode ser essencial” (Cadernos de Formação, 2011, p. 156).

Palavras-chave: educação artística – artes na educação a distância – curso de pedagogia e educação artística

---

<sup>1</sup> Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos. D18 – Conteúdos e Didática de Artes. Vol. 5. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011..

<sup>2</sup> Os polos estão nas cidades de Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Dracena, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Itapeva, Jaboticabal, Ourinhos, Registro, Rio Claro, Rosana, São José do Rio Preto, São Paulo, São Vicente, Sorocaba, Tupã e Presidente Prudente. Ver sites [www.unesp.br/univesp](http://www.unesp.br/univesp); [www.univesptv.cmais.com.br](http://www.univesptv.cmais.com.br)

<sup>3</sup> Marcel Duchamps (1887-1968) ao defender sua estratégia do *ready-made* que dava objetos industrializados o status de objetos artísticos. Ficou famoso com a “Fonte”, de 1917, um mictório invertido exposto em Nova York e que se tornou sua obra mais famosa.

<sup>4</sup> “A maior obra de arte de todos os tempos”, assim Karhleinz Stockhausen (1928-2007), compositor alemão de música eletroacústica, se referiu ao ataque de 11/09/2001 em Nova York. Essa frase, tirada do contexto da conferência na qual foi proferida, custou-lhe custou o cancelamento de muitos concertos, de um festival e exigiu muitas explicações.

<sup>5</sup> Caderno de Formação, 2011, p. 10.

<sup>6</sup> Os artigos foram escritos por docentes da UNESP, meus colegas no Instituto de Artes, especialistas nas áreas de Arte Visual, Dança e Teatro (além de dois artigos sobre música de minha autoria). Os artigos e autores são: “Ateliê permanente”, Sérgio Romagnolo e José Spaniol; “A criança e a dança na Educação Infantil” e “O trabalho com projetos em dança na escola: possibilidades e desafios para a formação docente inicial e continuada”, de Kathya Maria Ayres de Godoy; “Um passeio – que se quer, sim, trocado – por entre tantas histórias (quase) condenadas ao esquecimento. Identidades, ainda por (re)construir” e “Uma proposta de adaptação de textos literários para a linguagem teatral: tudo certo como dois e dois



---

são cinco”, ambos de Alexandre Mate. Os textos sobre música são: “Caminhos da Educação Musical” e “A música no século XX”.